

– Un caballo de oro! – disse, mostrando a ela o onze de ouro do velho baralho espanhol.

Por mais que não pudesse ver seus olhos, sabia que havia uma alma atenta por detrás daquelas rugas. O tempo é avassalador com o corpo e com a mente, mas a alma perdura.

– Es el once tu naípe? – perguntei, e sua cabeça foi de um lado para o outro.

Não era a carta tirada. Com uma mistura de falsa decepção e leve esperança no rosto, pedi calma. O erro controlado pelo ilusionista pode provocar uma reviravolta emocional nos corações mais abertos. Tem quem fique triste quando a expectativa não se cumpre. Tem quem salte de alegria ao ver a suposta falha alheia. Uma coisa é certa: todos se espantam no final.

– Entonces poné tu mano izquierda acá – falei, e em sua mão aberta coloquei o onze fechado.

Nesse momento, um clamor pela energia e concentração de todos – a verdadeira magia estava prestes a acontecer. É preciso focar na carta de antes... visualizar... mentalizar... o número... o naípe... e...

...

– Espera aí – pediu o Petit –, era dia ou noite?

O mirrado senhor com quem eu compartilhava a história tinha um ar misterioso. Já havia demonstrado ampla sabedoria espiritual, e isso me impelia a considerar pertinente qualquer comentário seu, mas não entendi o motivo da pergunta naquele momento. Talvez estivesse preocupado com a iluminação do lugar, se era fácil ver as cartas. Talvez tivesse conhecimento da influência dos astros em ações terrenas. Talvez só quisesse imaginar melhor o cenário. Talvez...

– Era noite, mas a gente estava numa casinha rústica com uma ou duas lâmpadas.

– Hm...

Ele não explicou, eu tampouco perguntei. Estava empolgado com a história, e com o quanto ela significava para mim. Ansiava por seguir revivendo aquele momento. Ele me olhava sério, até com certo pesar. Sentia que ele queria me dizer algo, mas saber ouvir é muito mais do que simplesmente deixar de falar.

...

Com o onze nas mãos dela, uma última distração e pronto...

– Mirála, si no es tu naípe ahora.

A anciã indígena esboçava um sorriso no rosto. Não parecia ansiosa como a maioria. Acho que apreciava aquele momento com aquela sabedoria de quem vive o presente. A carta não importava tanto para ela, não importava como tudo acabaria, o momento por si só já valia. Um três de espadas era o que ela havia tirado do baralho sem eu saber. Eu havia colocado um onze de ouro com a face voltada para baixo em suas mãos. Ela lentamente pegou a carta e a revelou...

– Conaxanaxaic! – disse, virando o rosto para mim e soltando a carta na mesa.

Era o três de espadas! Gritos animados de espanto invadiram o lugar como vento irrompendo em janelas entreabertas. Em meio à agitação, uma das filhas da anciã teve a bondade de traduzir:

– Algo cómo “brujería”, dijo ella.

Escutei, mas demorei a entender. Estava paralisado, tentando decifrar aquele olhar branco que me fitava. Éramos completamente diferentes, mas aquele momento compartilhado havia nos unido de uma maneira inesperada. Eu me sentia bem e sorria, apesar dos calafrios. Sentia como uma vitória, uma sensação de dever cumprido. Eu consegui surpreender a anciã. Eu...

...

– Eu, eu, eu... Tsc, está tudo errado – assim me cortou o Petit –, você não percebe que o que você sentiu não importa nada nesse caso? Ainda mais se você quer entender a senhora. O que isso significou para ela? Um jovem branco de olhos claros fazendo algo tão mágico, tão misterioso, tão possivelmente próximo da cultura dela... Como ela se sentiu? Isso é o que você deveria pensar e tentar compreender. O resto não importa.

– Sim, mas é difícil...

– Empatia, meu amigo. É preciso praticar a empatia a todo instante. É difícil se colocar no lugar de uma anciã com quase um século de experiências acumuladas de uma cultura completamente diferente da sua. Mas você pode tentar, um pouco de cada vez, imaginar cada aspecto da vivência dela, chegando mais e mais perto do sentido que tudo aquilo teve para ela.

– É verdade.

– E então, como seguiu a história?

– Ah... Depois disso, a conversa rolou solta e as pizzas logo ficaram prontas.

– Pizzas?

– É...

...

Enquanto as mágicas rolavam, o Tano e a mulher dele estavam preparando as pizzas, receita italiana. Havia mais pessoas junto, cada uma com seu caminho, cada uma com seu rumo. Engraçado como se juntou assim em uma mesa, um brasileiro, uma porteña, um italiano, uma francesa e diversos indígenas qom. Uma verdadeira convergência cultural. As conversas seguiram, mas nunca mais esqueci aquele olhar...